

Narrativas biográficas na obra *Breve Notícia sobre a província do Rio Grande do Norte* de Manoel Ferreira Nobre.

Narrativas biográficas en la obra *Breve Noticia sobre la provincia de Rio Grande del Norte* de Manoel Ferreira Nobre.

Bruno Balbino Aires da Costa*

Resumo: A obra *Breve notícia sobre a província do Rio Grande do Norte* de Manoel Ferreira Nobre, é considerada a primeira história da província. O livro foi publicado, pela primeira vez, em 1877, pela *Tipografia do Espírito Santense*. De maneira geral, a obra trata das cidades e vilas do Rio Grande do Norte no período da província. Os temas trabalhados pelo autor são variados: limites, divisão administrativa, eclesiástica e judiciária da província; aspectos econômicos; forças militares; instrução pública etc. Manoel Ferreira Nobre reserva também um espaço específico para tratar sobre a biografia de alguns personagens históricos do Rio Grande do Norte. Nesse sentido, o objetivo do presente artigo é estabelecer uma análise historiográfica acerca da produção biográfica de Manoel Ferreira Nobre na referida obra, evidenciando de que maneira o autor construiu dadas narrativas para os personagens biografados por ele.

Palavras-chave: Biografia. Narrativas. Rio Grande do Norte

Resumen: La obra *Breve noticia sobre la provincia de Río Grande del Norte* de Manoel Ferreira Nobre, es considerada la primera historia de la provincia. El libro fue publicado, por primera vez, en 1877, por la *Tipografía del Espíritu Santense*. De manera general, la obra trata de las ciudades y villas de Río Grande del Norte en el período de la provincia. Los temas trabajados por el autor son variados: límites, división administrativa, eclesiástica y judicial de la provincia; aspectos económicos; fuerzas militares; educación pública, etc.

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN).

Manoel Ferreira Nobre reserva também um espaço específico para tratar sobre a biografia de alguns personagens históricos de Rio Grande del Norte. En este sentido, el objetivo del presente artículo es establecer un análisis historiográfico acerca de la producción biográfica de Manoel Ferreira Nobre en la referida obra, evidenciando de qué manera el autor construyó dadas narrativas para los personajes biografiados por él.

Palabras-clave: Biografía. Narrativas. Río Grande del Norte

Apresentando o autor

Alçado à condição de primeiro historiador do Rio Grande do Norte, Manoel Ferreira Nobre nasceu, provavelmente, em 1824, na cidade do Natal.¹O autor da *Breve notícia* descende de uma das famílias tradicionais do Rio Grande do Norte do século XIX: os Ferreira Nobre. Era filho do alferes Manoel Ferreira Nobre e Inácia Joaquina de Almeida. Não trilhou a carreira profissional do pai e tampouco enveredou-se pelos *estudos maiores*. (LYRA, 1921, p.788) De acordo com Augusto Tavares de Lyra, Manoel Ferreira Nobre dedicou-se *com carinho* ao estudo da história e da geografia local, muito embora “não tivesse cultura sistematizada”. (Idem)

Assim como outros norte-rio-grandenses do final do século XIX e começo do XX, Manoel Ferreira Nobre exerceu conjuntamente o papel de político e de homem de letras. Transitou entre os dois partidos do Império, tanto o liberal como o conservador, atuando em cargos políticos importantes da província. Foi oficial-menor da Assembleia Legislativa, a 6 de fevereiro de 1852; ajudante d’Ordens dos presidentes de província, Antônio Francisco Pereira de Carvalho, em 1853, e Pedro Leão Veloso, em 1861; oficial-maior da Assembleia Legislativa, a 29 de julho de 1856; deputado provincial no biênio 1860-1861; segundo secretário da Assembleia Legislativa da província; e aposentou-se no posto de Bibliotecário Público Provincial. (CASCUDO, 1963, p.5-7) No período da Guerra do Paraguai (1864-1870), foi capitão da Guarda Nacional (CARVALHO, p.24), mais especificamente, comandante da *Segunda Companhia do Primeiro Corpo de Voluntários da Pátria*, embora, segundo Cascudo, tenha sido julgado incapaz de prestar serviços militares pela junta de saúde, sendo dispensado a 4 de junho

¹ Não há um consenso entre os historiadores potiguares em relação ao local e ao ano do nascimento de Manoel Ferreira Nobre.

de 1866. (1963, p.6) Na aposentadoria, vivendo fora da capital da província, exerceu a função de advogado, mesmo não possuindo formação bacharelesca.

Como podemos perceber, a trajetória política de Manoel Ferreira foi atravessada pela inserção em vários cargos administrativos da província, muito embora transitasse também pelo mundo intelectual, colaborando com alguns jornais políticos e literários, segundo Augusto Tavares de Lyra. (1921, p.789) Esteve perto das figuras centrais do poder, especialmente dos presidentes de província. Para eles trabalhou, acompanhando-os em suas viagens pelo interior do Rio Grande do Norte.

Apresentando a obra

Publicada pela *Tipographia do Espírito Santense*, em 1877, a obra *Breve notícia sobre a província do Rio Grande do Norte baseada nas leis, informações e fatos consignados na história antiga e moderna*, de Manoel Ferreira Nobre, é considerada, pela historiografia norte-rio-grandense, a primeira história da província. (CASCUDO, 1963; MARIZ, 2006; GOMES NETO, 2010) Manoel Ferreira Nobre dividiu o livro *Breve Notícias* em 29 capítulos. Além destes, o autor acrescentou, ao final do livro, um quadro contendo a divisão judiciária da província e um tópico intitulado *Explicações*.

O primeiro capítulo, intitulado *Situação e extensão da província*, é um relato breve dos aspectos gerais da geografia, da história, da sociedade e da economia do Rio Grande do Norte. Em linhas gerais, Manoel Ferreira Nobre trata dos seguintes temas: a definição dos limites fronteiriços do Rio Grande do Norte com a Paraíba, o Ceará e o Oceano Atlântico; o início da colonização da capitania; o desligamento de Pernambuco, em 1820; dados sobre a medição da superfície da província; números acerca do quantitativo populacional; a representação política no âmbito da Corte e na Assembleia provincial; a renda e a despesa anual da província; a distribuição das atividades econômicas; a caracterização da vegetação, das minas e hidrografia do Rio Grande do Norte; a lista de cidadãos que ocuparam as primeiras cadeiras da Câmara municipal da capital e o reconhecimento da independência do Brasil por ela; e, por fim, a divisão administrativa da província à época do autor: “a respeito das quais vamos dar abreviada notícia.” (NOBRE, 1971, p.21)

Enquanto o primeiro capítulo é uma descrição lacônica da província, os demais tratam das cidades e das vilas que compõem o Rio Grande do Norte. No total são oito cidades e 20 vilas relatadas por Manoel Ferreira Nobre. Os capítulos são referentes a elas. Há elementos comuns em relação à estrutura das narrativas das cidades e das vilas: fundação, localização geográfica, característica climática, hidrografia, topografia, população, edificações, instituições culturais, instrução pública, tipos de economia, costumes, bibliotecas, fortificações, igrejas, freguesias etc. Essa forma de organizar a narrativa assemelha-se aos relatórios dos presidentes de província apresentados às Assembleias legislativas e remetidos à Corte. O intuito desses relatórios era, primordialmente, informar ao Império dados sobre os mais variados aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais das províncias no período da gestão do presidente. Em síntese, era uma prestação de contas da administração realizada pelos presidentes nas províncias.

Manoel Ferreira Nobre estava diretamente vinculado à burocracia provincial. O autor tinha amplo acesso, como burocrata e também, pelo menos por um período, como deputado, aos documentos oficiais emitidos pela Assembleia legislativa provincial. Decerto, Manoel Ferreira Nobre conhecia muito bem a organização dos relatórios produzidos pelos presidentes provinciais. Foi a partir da estrutura destes que o autor organizou o seu texto. Nestes relatórios são encontrados os mesmos tópicos que Manoel Ferreira Nobre utilizou-se para construir seus textos sobre as vilas e as cidades do Rio Grande do Norte: limites, divisão administrativa, eclesiástica e judiciária da província; contingente populacional; aspectos econômicos: agricultura, indústria e comércio; navegação; administração pública; forças militares; instrução pública; negócios eclesiásticos; obras públicas; dentre outros. Na maioria dos relatos das vilas e das cidades esses elementos aparecem em sua totalidade.

O texto de Manoel Ferreira Nobre é o somatório das partes, no caso, das cidades e das vilas da província e não uma narrativa geral que constrói uma unidade temporal e um sentido teleológico para o Rio Grande do Norte: “um agregado de histórias locais (vilas e cidades) que não dialogavam entre si, mas que, reunidas, correspondiam ao Rio Grande do Norte. Da soma das partes, emergiria o todo.” (GOMES NETO, 2010, p.117) Nesse sentido, a estrutura da

narrativa de Manoel Ferreira Nobre é organizada espacialmente e não temporalmente. (Idem) O tempo não é o elemento unificador dos espaços. As cidades e vilas não aparecem dispostas a partir de uma dimensão sincrônica de tempo. As partes do todo estão dispersas, não comungam um passado comum, são desconexas no tempo. Essa configuração vale também para as biografias presentes no interior da referida obra, uma vez que não foram dispostas cronologicamente, mas geograficamente, isto é, os biografados aparecem nos capítulos destinados a algumas vilas e cidades, pondo em relevo os locais de nascimento. Diante disso, perguntamos: que narrativas Manoel Ferreira Nobre construiu para os personagens biografados por ele? Desse modo, o objetivo do presente artigo é estabelecer uma análise historiográfica sobre a produção biográfica de Manoel Ferreira Nobre na obra *Breve Notícia*.²

Traços biográficos: primeiros apontamentos

Ao longo dos capítulos da *Breve Notícia*, Manoel Ferreira Nobre escreveu sucintamente uma espécie de *notícias biográficas* de cinco personagens norte-río-grandenses: André de Albuquerque Maranhão, Afonso de Albuquerque Maranhão, conhecido por Maranhão I, Antônio de Albuquerque Maranhão, Manoel Joaquim Ferreira e Felipe Camarão.

O autor destinou apenas uma ou duas páginas à seção *Traços biográficos* – a menor, a biografia de Manoel Joaquim Ferreira, é relatada em três parágrafos. Em relação ao número de páginas, Manoel Ferreira Nobre aproxima-se da estrutura das pequenas notícias biográficas, produzidas pelos seus contemporâneos historiadores do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (IHGB), que não ultrapassavam mais de duas ou três laudas. (CEZAR, 2003, p. 75)

A seção *Traços biográficos* não foi organizada cronologicamente, mas geograficamente. Os biografados estão dispostos nos capítulos destinados a algumas vilas e cidades da província, sendo evidenciados a partir dos seus locais de nascimento. Citamos aqui uma passagem da narrativa do capítulo XXVIII, em que o autor destacava que a vila de Ceará-Mirim “é a pátria do bravo

² Não tivemos acesso à primeira edição do livro. Sendo assim, utilizaremos a reimpressão da segunda edição de 1971, publicada pela editora Sebo Vermelho em 2011.

Antônio Felipe Camarão.” (NOBRE, 1971, p.189) A ideia de *pátria* aqui está associada à dimensão mais regional, ao local da província de origem, o local em que o biografado nasceu. (JANCSÓ, István; PIMENTA, João Paulo G., 1999, p.167) Logo, afirmar o Rio Grande do Norte como *a pátria* de Felipe Camarão tinha uma conotação intelectual e política importante no século XIX. O local de nascimento do índio *Poty* foi objeto de controvérsia entre os letrados brasileiros nos oitocentos, desenvolvendo-se o que chamamos de *retórica da naturalidade*.³ Até os anos sessenta do século XIX, praticamente a querela restringia-se a dois possíveis lugares de nascimento: as províncias do Ceará e de Pernambuco. A biografia de Felipe Camarão, escrita por Varnhagen, publicada pela revista do IHGB em 1867, e o prefácio escrito por Cândido Mendes de Almeida, no segundo tomo do livro *Memórias para a história do extinto estado do Maranhão cujo território comprehendehoje as províncias do Maranhão, Piauí, Grão-Pará e Amazonas*, publicado em 1874, foram fundamentais para a construção da tese de que o Rio Grande do Norte era a *pátria* de Felipe Camarão. Apesar de Varnhagen ter sido o primeiro a defender a tese da naturalidade norte-rio-grandense de Felipe Camarão, foi o texto de Cândido de Mendes de Almeida que especificou o lugar de nascimento do índio: a vila de Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte. (ALMEIDA, 1874, p.15-18) Nesse sentido, Manoel Ferreira Nobre retirou a informação do texto de Cândido Mendes, a qual citava em outras passagens do seu livro, para fixar a naturalidade de Felipe Camarão como norte-rio-grandense, reivindicando uma identidade a todo instante questionada – pelo menos entre o final do século XIX e o início do XX.

A alusão ao lugar de origem é central para Manoel Ferreira Nobre. A narrativa de vida do indivíduo é sua condição de sua existência. O biografado passa a ser evidente a partir de sua *pátria*. Dessa forma, o autor preocupa-se mais em definir o *ondedo* queo *quando* o biografado nasceu. Isso fica bem claro

³ A *retórica da naturalidade* é considerada como uma estratégia discursiva que visa persuadir, convencer, que o índio *poty* pertencente a uma determinada *pátria* (província/estado), construindo uma identidade partilhada entre o concidadão do passado (Felipe Camarão) e os seus supostos conterrâneos do presente. Desse modo, a *retórica da naturalidade* constituiu-se como campo discursivo de disputa, protagonizado por alguns homens de letras do Brasil, e até mesmo do estrangeiro, surgido na segunda metade do século XIX em torno do local de nascimento do índio *Poty*, cujo intuito principal era definir uma *verdade histórica* sobre a querela, legitimando dados projetos identitários. Para mais informações sobre a referida noção, consultar: (COSTA, 2017).

no início dos *Traços biográficos* de Antônio Felipe Camarão: “Nasceu no princípio do século XVII, no sítio Ceará uma légua distante da Vila do Ceará-Mirim.” (NOBRE, 1971, p.194) A menção se repete no capítulo XX, referente à vila de Canguaretama, a *pátria* de André de Albuquerque de Maranhão. Há nesse relato uma assimetria entre o tempo e o espaço. A origem *espacial* é mais importante que a *temporal*. Enquanto o tempo é impreciso, pois só se é identificado que Felipe Camarão nasceu no princípio do século XVII, o espaço é descrito detalhadamente, uma vez que há uma precisão da distância do sítio em que o índio nasceu e a vila de Ceará-Mirim. A cronologia de vida do biografado parece importar menos ao autor, ela assume um caráter secundário, muitas vezes imprecisa, tal como na obra *Vidas paralelas*, de Plutarco. (DOSSE, 2009, p.131)

O perfildos *distintos rio-grandenses do Norte*

Em *Traços biográficos*, Manoel Ferreira Nobre constrói um panteão de *distintos rio-grandenses do Norte*. Todos eles pertencentes ao período colonial. Manoel Ferreira Nobre não destacou nenhum *distinto* que tenha participado de algum acontecimento durante o Império. Ou seja, nenhum norte-rio-grandense contemporâneo, ao autor, esteve presente em seu *panteão* de conterrâneos ilustres. O recorte cronológico escolhido por Manoel Ferreira Nobre é semelhante à formulação temporal postulada pelo IHGB, no espaço reservado às notícias biográficas de sua revista, inicialmente intitulada *Brasileiros ilustres pelas ciências, letras, armas e virtudes etc.*⁴As biografias publicadas nesta seção constituíam uma galeria nacional com raízes no período anterior a 1822, o que possibilitou “a criação de uma linhagem de varões ilustres desde os tempos coloniais.” (OLIVEIRA, 2011, p.101) Não sabemos ao certo se Manoel Ferreira

⁴ Entre a primeira publicação em 1839 até os anos cinquenta do século XIX, a seção sofreu várias modificações em seu título. Em 1850, passou a intitular-se *Biografias de brasileiros distintos ou de indivíduos ilustres que serviram no Brasil etc.*”; Em 1851, veio a ser intitulada *Biografias de brasileiros distintos ou de indivíduos ilustres que bem servissem ao Brasil etc.*”; Um ano depois, *Biografias de brasileiros distintos ou de indivíduos ilustres que serviram no Brasil e ao Brasil, etc.*” e depois, *Biografias de brasileiros distintos ou de pessoas eminentes que serviram no Brasil ou ao Brasil*; por fim, em 1856, o título voltou a sua grafia inicial. De acordo com Armelle Enders, as modificações ocorridas no título da seção têm a ver com a questão da nacionalidade dos eleitos da posteridade, isto é, “tais distinções serviam para contornar o problema de saber quem era brasileiro e quem não o era – evidentemente insolúvel no caso do período colonial.” (2014, p.181)

Nobre foi um leitor das revistas do IHGB ou que tenha escolhido seu recorte temporal a partir das definições dos sócios da agremiação. Dialogando diretamente ou não, é mister afirmar que o autor estabelece uma delimitação cronológica anterior a 1822, semelhante ao IHGB.

Além de pertencerem ao mesmo recorte temporal, os personagens da seção *Traços biográficos* tinham outro ponto em comum com a produção biográfica do IHGB oitocentista: foram laureados pelos seus serviços militares. Os *distintos norte-rio-grandenses* são virtuosos pelas armas e não pelas letras. Nesse ponto, Manoel Ferreira Nobre se distancia do critério de *distinção* dos personagens biografados pelo IHGB. Logo na primeira edição da revista do IHGB, a seção reservada à biografia já traz, em seu frontispício, o elemento da distinção dos biografados: *Brazileiros ilustres pelas ciências, letras, armas e virtudes*. Conforme Maria da Glória de Oliveira, a tópica *armas e letras* já era dominante na retórica dos letrados quinhentistas lusitanos. (2011, p.104) Na esfera individual, essa fórmula remete à articulação entre duas funções: a ação e a palavra, as quais, diante do expansionismo imperial lusitano no quinhentos, funcionavam como um “argumento crucial na narrativa histórica da conquista pelos portugueses dos territórios ‘bárbaros’, desprovidos dos valores da civilização.” (Idem) A tópica dizia respeito ao perfil que compunha o *panteão* dos ilustres brasileiros, constituído predominantemente por personagens advindos da elite política e letrada do Império. (Idem, p.107) Para Armelle Enders, mais que uma *galeria nacional*, os biógrafos do IHGB construíram uma galeria de espelhos, “eles vêm mirar-se nela e inscrever sua ação nessa genealogia fictícia. Boa parte deles se confunde com os sócios do IHGB.” (2000, p.59) Assim como os seus biografados, os biógrafos eram “servidores e signatários do Império, a maioria com formação em Coimbra, nos cursos de preparação para a carreira jurídica ou das armas.” (OLIVEIRA, 2011, p. 107)

O perfil dos *distintos rio-grandenses do Norte* de Manoel Ferreira Nobre era relativamente diferente dos biografados pelos sócios do IHGB. Nenhum possuía uma formação jurídica em Coimbra. Nenhum desempenhou alguma atividade que caracterizasse uma trajetória intelectual, muito embora, o autor tenha destacado que o índio catequizado, Felipe Camarão, tenha sido “tão notável pela sua ilustração.” (NOBRE, 1971, p.195) Em geral, os biografados pertenciam aos setores vinculados à elite política e econômica da capitania.

Advinham da principal atividade econômica do Rio Grande [do Norte]⁵ no período colonial: o açúcar. Estavam ligados ao senhorio da terra, eram donos de engenhos, como André de Albuquerque Maranhão e Maranhão I, em uma das regiões mais produtivas dos tempos coloniais: o *Cunhaú*. Havia também um sacerdote, Antônio de Albuquerque Maranhão, um indígena, Felipe Camarão e um morador da vila de Canguaretama, Manuel Joaquim de Almeida, que o autor não especificou sua origem social.

Dos cinco biografados, três faziam parte da família Albuquerque Maranhão que, sobretudo, na segunda metade do século XIX, gozava de certo prestígio econômico e político na província, advindo, em grande medida, do enriquecimento da atividade açucareira e da cotonicultura. O único biografado que não possui relação com a família Albuquerque Maranhão é o índio Felipe Camarão. Manoel Joaquim de Almeida, outro biografado, embora não pertencesse à família, é descrito como amigo íntimo dos Albuquerque Maranhão. (Idem. p.170) Só aparece na seção *Traços biográficos* em função da sua relação com o referido grupo familiar, seja como amigo, seja como “mansa ovelha em todos os serviços à causa da liberdade.” (Idem) A ideia de ovelha aparece aqui para ressaltar a aproximação entre Manoel Joaquim de Almeida e o padre Antônio de Albuquerque Maranhão, a quem acompanhou no desenrolar da *Revolução de 1817* no Rio Grande do Norte.

Não é simples coincidência a presença majoritária dos ancestrais da família Albuquerque Maranhão no rol dos *distintos rio-grandenses do Norte*. Manoel Ferreira Nobre elege os *distintos* do passado para evidenciar a continuidade dos Albuquerque Maranhão *no* e *do* presente. Se no passado os ancestrais lutaram pela liberdade da *pátria* (Rio Grande [do Norte]), os Albuquerque Maranhão do presente estariam garantindo o progresso da província no presente.

Embora nem todos os biografados de Manoel Ferreira Nobre pertencessem ao grupo familiar dos Albuquerque Maranhão, todos são reconhecidos por terem participado em um dado acontecimento histórico de natureza militar. Na maioria dos casos, o enredo biográfico de Manoel Ferreira

⁵Colocamos [*do Norte*] entre colchetes para nos referirmos ao momento da capitania. Consideramos anacrônico tratar a capitania como *Rio Grande do Norte*, uma vez que esta menção se deu *a posteriori*. Doravante, iremos utilizar o termo Rio Grande [do Norte] com colchetes para identificar que estamos nos valendo de uma nomenclatura própria do período referente à capitania.

Nobre é formado por três elementos: o local de nascimento do biografado, suas virtudes e seu envolvimento em algum evento histórico. Em relação aos dois primeiros elementos já discutimos anteriormente, doravante, passaremos para o último.

Os indivíduos e a história

Os biografados de Manoel Ferreira Nobre são narrados a partir dos acontecimentos que participam. O indivíduo e a história articulam-se. Isso tem a ver com a própria concepção de história disseminada no século XIX, ao qual os historiadores salvaguardavam a dimensão individual da história. (LORIGA, 2001, p.14) No oitocentos, a individualidade revestia-se de um valor especial para se pensar a própria construção das identidades nacionais. Nesse período, não foram poucos os historiadores que destacavam a força/gênio do indivíduo no movimento dos acontecimentos históricos. Essa relação entre o indivíduo e a história, tão cara a historiografia oitocentista, aparece no livro de Manoel Ferreira Nobre. O acontecimento não transcende o indivíduo. O indivíduo está atrelado ao acontecimento, como se este fosse a condição de sua própria presença na memória da província. Alguns elementos aparecem nos relatos dos biografados que vão além da mera descrição da sua participação em um dado evento. Como mencionamos anteriormente, ressalta-se também nos *Traços biográficos*, o local de nascimento e as virtudes dos biografados, muito embora, o núcleo central da narrativa seja o envolvimento do indivíduo no acontecimento histórico.

A maioria dos *distintos* esteve envolvida na *Revolução de 1817*. Outros, como Felipe Camarão e Maranhão I, fizeram parte de outras experiências históricas, como: o episódio da luta contra holandeses e a querela de 1710, em Pernambuco, respectivamente. Nesse sentido, a participação em uma determinada luta, define a principal virtude do biografado, como podemos perceber na seção referente a Maranhão I:

Afonso de Albuquerque Maranhão, conhecido por Maranhão I, distinto rio-grandense do Norte de 1710. Era morador e senhor do Morgado Cunhaú, Capitão-mor e Governador da província, quando rompeu as *querelas* de Pernambuco entre os *mascates* e a *nobreza*.

Em 18 de junho de 1711, recebeu um reservado do govêrno de Pernambuco, participando o estado de coisas da terra, e solicitando contingentes para o triunfo da causa legal.

Vinte e quatro horas depois do recebimento do aviso, o Governador Maranhão I seguia para a província de Pernambuco com 800 homens, muita munição e grande quantidade de gêneros alimentícios.

Obtido o triunfo da causa legal de Pernambuco, voltou Maranhão I ao Engenho Cunhaú, onde morreu, sempre no exercício de seu pôsto, deixando a fama de cidadão exemplar e de pai de família cheio de virtudes. (NOBRE, 1971, p.165-166)

Diferentemente de todos os outros biografados, Afonso de Albuquerque Maranhão foi o único dos *distintos rio-grandenses do Norte* a participar das *querelas* que extrapolavam os interesses de sua capitania de nascimento. As *querelas* de Pernambuco, as quais, Manoel Ferreira Nobre se referia em seu relato, iniciou-se em 1710, com a sedição da *nobreza*, senhores de engenho de Pernambuco, instalados majoritariamente em Olinda, contra o governador da capitania Castro e Caldas que mantinha uma aproximação política com os adversários políticos dos nobres, isto é, os oficiais reinóis ou *mazombos* simpatizantes da causa dos mascates – comerciantes portugueses localizados, predominantemente, em Recife. (MELLO, 2003, p.141) De acordo com Evaldo Cabral de Mello, desde fins de fevereiro, a nobreza da terra maquinava a deposição do governador, “de acordo com a velha idéia de que a Câmara de Olinda tinha o direito de desfazer-se de um governador arbitrário.” (Idem, p.281-282) Além de ser considerado tirano, Castro e Caldas era tido como inimigo da nobreza e dos padres, grupos estes que se alinharam em torno de um interesse comum, levando a cabo a deposição do governador. (Idem, p.293) O que estava em jogo não era apenas a destituição do governo de Castro e Caldas, mas, sobretudo, a disputa pelo poder local entre o credor urbano, o mascate, a qual possuía parcerias com o governador, e o devedor rural, o senhor de engenho de Olinda, que vivia uma situação de decadência econômica, desde a expulsão batava. (Idem, p.141)

Para depor Castro e Caldas, a *fronda dos mazombos*⁶ contou com o auxílio de outros senhores de engenho situados nas capitanias próximas a

⁶ Apropriamos da expressão utilizada por Evaldo Cabral de Mello para denotar o caráter senhorial do movimento pernambucano, encabeçado pelos senhores de engenho de Pernambuco.

Pernambuco, como o Rio Grande [do Norte]. Afonso de Albuquerque de Maranhão, um dos biografados de Manoel Ferreira Nobre, foi um dos senhores de engenho fora de Pernambuco que aderiu ao levante da nobreza pernambucana contra Castro e Caldas e os *mascates*. De acordo com Manoel Ferreira Nobre, ao ser convocado pelo bispo D. Manuel – governador legitimado pela *açucarocracia* de Olinda, que assumiu o controle político capitania de Pernambuco, logo após a saída de Castro e Caldas – Maranhão I atendeu, prontamente, o pedido. Manoel Ferreira Nobre não elucida as motivações que levaram ao governador da capitania do Rio Grande [do Norte] a enviar 800 homens para lutar em favor do que ele chamou de *causa legal*. Segundo Evaldo Cabral de Mello, o que levou a adesão de Afonso de Albuquerque Maranhão ao levante contra Castro e Caldas e os *mascates* do Recife, foram os laços de parentesco que o capitão-mor e governador da capitania do Rio Grande [do Norte] tinha com senhores de engenho envolvidos na sedição. (2003, p.349-350)

No excerto supracitado, Manoel Ferreira Nobre define com nitidez a posição que Afonso de Albuquerque Maranhão assumiu na *querela*. Seu biografado é um nobre. Maranhão I é descrito como um *distinto* que lutou a favor da *causa legal*, provavelmente uma alusão à legitimidade dos interesses políticos e econômicos da aristocracia açucareira pernambucana frente aos *mascates* reinóis. Essa questão indica o sentido que o conceito de *distinto* assume na construção dos perfis sociais dos biografados de Manoel Ferreira Nobre. Os *distintos rio-grandenses do Norte* dizem respeito, majoritariamente, aos personagens inseridos na elite política e econômica do Rio Grande do Norte, demonstrando a visão aristocrática do autor.

Vidas a serem imitadas: o exemplo e a virtude

Outro aspecto que nos chama atenção nos traços biográficos de Afonso de Albuquerque Maranhão é a construção de um discurso laudatório sobre a vida do biografado. Afonso de Albuquerque Maranhão é descrito como um cidadão exemplar e um pai cheio de virtudes. À maneira dos antigos, o autor torna seu biografado um exemplo a ser imitado pelos homens do presente. É por essa razão que Manoel Ferreira Nobre define o lugar dos biografados nos

acontecimentos históricos, tornando conhecidos seus atos do passado no presente. Nesse sentido, o autor apropriou-se da concepção ciceroniana da história: a *historiamagistra vitae*. O historiador norte-rio-grandense não foi o único que escreveu biografias orientadas à luz do referido *regime de historicidade*.⁷ A concepção *historiamagistra vitae* orientou, ao longo do século XIX, a produção biográfica dos sócios do IHGB e os demais planos historiográficos da agremiação, como também de parte considerável da elite intelectual brasileira do oitocentos. (CEZAR, 2003, p.74) Na concepção ciceroniana, a história é um cadinho em que contém várias experiências alheias, das quais pode-se apropriar com intuito pedagógico. (KOSELLECK, 2006, p.42) Assim, a história serve como uma coleção de exemplos que, a partir deles, se pode aprender: “nas palavras dos antigos, a história deixa-nos livres para repetir sucessos do passado, em vez de incorrer, no presente, nos erros antigos.” (Idem, p.42-43) Por meio dos exemplos do passado, a história pode ensinar aos homens do presente. Imbuído dessa concepção de história, a seção *Traços biográficos* evidencia ações dos biografados no tempo pretérito, tornando memorável os seus nomes e apresentando-os como exemplos para os seus leitores. Ao mencionar que Afonso de Albuquerque Maranhão era um cidadão exemplar, Manoel Ferreira Nobre quer produzir em seus leitores a imitação. É por essa razão que qualifica seu biografado não só como um cidadão exemplar, mas também como um pai cheio de virtudes.

Manoel Ferreira Nobre atém-se somente às virtudes dos biografados. Os possíveis insucessos, incoerências e vícios são adjetivações interdidas nas narrativas biográficas do autor. Nesse quesito, Manoel Ferreira Nobre contrapõe-se ao modelo *plutarquiano* de biografia, tendo em vista que no método comparativo do biógrafo romano as virtudes e vícios dos biografados são postas para melhor analisar as diferenças e aguçar as faculdades de discernimento. (DOSSE, 2009, p.129) Diferentemente de Manoel Ferreira Nobre, os biógrafos do IHGB, orientados pelas concepções biográficas de Plutarco, não limitaram-se somente em destacar as virtudes, mas apresentar também os vícios de seus objetos de estudo. (ENDERS, 2014, p.182) A virtude e

⁷ Utilizamos do conceito de *regime de historicidade* desenvolvido pelo historiador francês François Hartog. O conceito refere-se a uma dada ordem do tempo, de como a sociedade trata seu passado e de como trata do seu passado, em outras palavras, como uma comunidade humana relaciona-se com o tempo, como o experimenta, “aqui e lá, hoje e ontem. Maneiras de ser no tempo.” (HARTOG, 2013, p.29)

não os vícios caracterizam as narrativas de vida dos biografados de Manoel Ferreira Nobre.

Se Afonso de Albuquerque Maranhão era um cidadão exemplar e um pai virtuoso, André de Albuquerque Maranhão possuía outras qualidades:

André de Albuquerque Maranhão, distinto rio-grandense do Norte de 1817, nasceu no Engenho Cunhaú, da ilustre família dos Albuquerque Maranhão, a quem a monarquia portuguesa e a província de Pernambuco devem mais a justa gratidão.

Era o herdeiro opulentíssimo do Morgado Cunhaú, e por seus distintos serviços foi condecorado com o hábito de Cristo e a patente de Coronel de Milícias a cavalo.

Era bom amigo, bom cidadão e ótimo filho.

Além destas excelentes qualidades, tinha grande vantagem – de ter popularidade não só na sua província, senão também nas de Pernambuco e Paraíba.

Pela causa da liberdade, pronunciou-se de uma maneira nobre, e com honra sustentou até o último de seus dias.

Na revolução de 25 de março de 1817, o Coronel André de Albuquerque representou no Rio Grande do Norte o primeiro papel; (...) acompanhou o exército que marchou, efetuou o assalto do quartel militar e soltou o grito da liberdade, que foi entusiasticamente correspondido em toda a província.

Chegou porém o dia 25 de abril, dia em que o Coronel André de Albuquerque pagou cruelmente, com a vida, seu prematuro patriotismo!

Predispostas as coisas, pela sedução da força pública, foi o patriota André de Albuquerque arrancado do governo provisório, impunemente apunhalado e conduzido para a fortaleza dos Três Reis, a ser sepultado nos seus imundos cárceres.

Assim acabou o poderoso atleta da liberdade, banhado no seu próprio sangue! ... contava 40 anos de idade. (NOBRE, 1971, p.164-165)

André de Albuquerque Maranhão é o biografado de Manoel Ferreira Nobre que obteve maior destaque na *Breve Notícia*. Ele aparece logo no início do livro, mais precisamente, no capítulo II, *Cidade do Natal*. Seu nome é citado mesmo quando o tópico não diz respeito diretamente a ele. André de Albuquerque Maranhão é mencionado no relato de Manoel Ferreira Nobre sobre a *Fortaleza dos Santos Reis Magos*, monumento criado em Natal, em 1598, com fins militares. Para o autor, a celebridade da fortaleza é evidenciada em três episódios: quando os portugueses a retomaram dos holandeses, logo após a restauração, e na ocasião em que o forte serviu de prisão, tanto para o índio Jaguarari como para André de Albuquerque, por consequência da sua

liderança local na *Revolução de 1817*. O biografado é citado ainda em outros trechos das seções *Galeria dos mártires* e *Traços biográficos*.

A primeira virtude que Manoel Ferreira Nobre destaca de André de Albuquerque Maranhão diz respeito a sua vida particular: “Era bom amigo, bom cidadão e ótimo filho.” Aqui a imaginação do biógrafo entra em ação. A biografia é um gênero híbrido, tensionado constantemente entre a vontade de reproduzir um vivido real passado e a imaginação do biógrafo. (DOSSE, 2009, p.55) A biografia situa-se numa tensão dialética entre as dimensões factual e ficcional – respeitando a identidade de ambos os polos – satisfazendo as exigências do pacto de veracidade entre o biógrafo e o leitor. (Idem, p.66-67)

Ao construir sua narrativa biográfica, o biógrafo utiliza-se de documentos históricos para dizer a verdade sobre a vida do seu personagem. No entanto, as fontes escritas ou orais conseguem preencher a lacuna e os lapsos temporais do seu objeto de estudo. Para isso, o biógrafo mobiliza sua intuição e imaginação para ligar traços descontínuos da vida em que está narrando. (Idem, p.68) Como Manoel Ferreira Nobre pôde afirmar categoricamente que André Albuquerque Maranhão era um bom amigo e um ótimo filho, senão pela sua capacidade inventiva e seu interesse em construir uma leitura laudatória sobre o personagem? Manoel Ferreira Nobre vai além de suas possíveis fontes escritas ou orais. O autor imagina seu personagem, instituindo uma dada leitura sobre ele. A imaginação é nitidamente requerida para compensar os limites das informações contidas em seus possíveis documentos e da consciência da impossibilidade de resgatar a totalidade do passado de André de Albuquerque Maranhão. Além disso, o autor não cita as fontes que ele utilizou para fazer as afirmações quanto ao caráter do biografado. Não estamos dizendo com isso que as biografias de Manoel Ferreira Nobre foram produto apenas de sua prática inventiva. O autor teve acesso direto aos documentos oficiais dos arquivos da província.

Manoel Ferreira Nobre era um burocrata que no dia a dia operava com documentos oficiais que passavam constantemente em suas mãos. Era um Oficial-maior, lidava cotidianamente com informações que transitavam na Assembleia provincial. (COSTA, 2017, p.83) Informações como o local de nascimento, a conquista da patente de coronel de milícias, a prisão e a data da morte do biografado, provavelmente, foram obtidas a partir da consulta aos

arquivos da província. No entanto, outras informações foram preenchidas intuitivamente e imaginativamente por meio do emprego de recursos retóricos, mais especificamente, de figuras de linguagem. Antes de tratarmos desse trecho, gostaríamos de destacar que o uso de figuras de linguagem era bastante comum nos textos dos historiadores do século XIX. (WHITE, 2008) *Ostropos* eram tomados como tipos básicos de prefiguração linguística, em que os historiadores serviam-se como recurso explicativo para argumentar, elaborar enredos e justificar a implicação de suas ideologias. (Idem, p.434) Assim, o emprego das figuras de linguagem por vários historiadores oitocentistas, construía uma poética na narrativa historiográfica, constituindo certa performance do texto, implicando em uma dada forma de consciência histórica, ou melhor, de imaginação histórica. (Idem, p.45)

Ao descrever a morte de André de Albuquerque, Manoel Ferreira emprega a hipérbole como recurso retórico na construção de sua narrativa, como fica bem claro nesse trecho: “Assim acabou o poderoso atleta da liberdade, banhado no seu próprio sangue!” Há um exagero intencional na expressão para realçar a ideia de morte sacrificial do biografado. Uma morte e também um sofrimento em prol da *causa da liberdade*. O termo *causa da liberdade* é também um recurso retórico empregado pelo autor. Nesse ponto, a narrativa sobre a morte de André de Albuquerque assinala uma figuração a partir da ideia de herói atrelada ao sacrifício e ao martírio por defender a causa revolucionária.

Gostaríamos de destacar duas adjetivações que também salientam a figuração da linguagem no texto de Manoel Ferreira Nobre: *atleta da liberdade e verdadeiro apóstolo*. A palavra *atleta* produz um sentido de um personagem já preparado para consumir uma missão. A narrativa de vida de André de Albuquerque naturaliza uma intenção anterior, é como se sua trajetória, seu preparo (o que remete a ideia de atleta), fosse evidente, antes mesmo de sua participação na *Revolução de 1817*. A vida de André de Albuquerque é narrada como se sua participação na revolução tivesse uma performance de um atleta que marcha e solta o grito da liberdade, entusiasmando “tôda a província”. Ora, essa forma de descrição assinala mais uma vez como a liberdade criativa do autor é evidente em seu texto, pois o leitor não precisa saber se André de Albuquerque soltou ou não o grito da liberdade. A biografia está diretamente ligada ao imaginário instituído pelo autor. Se a ideia de atleta diz respeito a um

percurso do biografado orientado para a conclusão de uma finalidade histórica, morrer em prol à *causa da liberdade*, o conceito de apóstolo tem a ver com o seu cumprimento. A *causa da liberdade* funciona como espécie de missão sagrada. Próximo a hagiografia antiga, Manoel Ferreira Nobre estabelece uma vocação ao seu biografado: ele é o portador da missão de difundir o movimento para toda a capitania.

A narrativa da *Revolução de 1817* sempre sugere a presença de André de Albuquerque, como na ocasião do relato da participação do sacerdote, Gonçalo Borges de Andrade, *mártir* da Serra do Martins, que “sinceramente abraçou a bandeira da liberdade de 6 de março de 1817, quando proclamada na cidade do Natal pelo Coronel André de Albuquerque Maranhão.” (NOBRE, 1971, p.84) Na seção *Traços biográficos* de Antônio de Albuquerque Maranhão, a narrativa repete-se: “Aderiu com alvoroço à causa da liberdade em 1817, proclamada na cidade do Natal pelo Coronel André de Albuquerque Maranhão, e com o seu exemplo conquistou muitos prosélitos.” (Idem, p.169-170) O conceito de proselitismo empregado pelo autor nessa passagem, reforça o sentido religioso não só atribuído aos participantes da *Revolução de 1817* e ao próprio acontecimento, mas também ao próprio André de Albuquerque, considerado como o *apóstolo da verdade* da missão sagrada.

Nas narrativas de Manoel Ferreira Nobre sobre a *Revolução de 1817*, André de Albuquerque é construído como um personagem que parece indicar uma certa onipresença. A *causa da liberdade* é regularmente associada à sua liderança na proclamação do movimento em Natal. Manoel Ferreira Nobre elege André de Albuquerque como o personagem central da trama da *Revolução de 1817* no Rio Grande do Norte. O autor estabelece uma dupla eleição: o personagem e o acontecimento. André de Albuquerque é o personagem principal do acontecimento mais importante do Rio Grande do Norte. Por isso ambos, personagem e acontecimento, são os que receberam mais atenção do autor, possuindo uma regularidade em sua narrativa.

Considerações finais

Em síntese, na seção *Traços biográficos*, Manoel Ferreira Nobre elege o *panteão dos distintos rio-grandenses do Norte*. O autor foi o primeiro homem

de letras da província a construir uma galeria de heróis para o Rio Grande do Norte. Seus biografados participaram de alguns acontecimentos da história da nação, mas não foram considerados heróis nacionais. As narrativas de vida urdidas por Manoel Ferreira Nobre deram uma conotação muito mais provinciana que nacional. Suas vidas destacam-se mais pelas ações realizadas em sua *pátria*, local de nascimento, do que pela nação. Decerto, as narrativas de vida de alguns dos *distintos* escolhidos por Manoel Ferreira Nobre foram retomadas, posteriormente, por outros eruditos norte-rio-grandenses. Estes foram além das breves notícias biográficas de Manoel Ferreira Nobre, incluindo novos textos e adicionando novos personagens.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cândido Mendes de. **Memórias para a historia do extinto estado do Maranhão cujo território compreende hoje as provincias do Maranhão, Piauihy, Grão-Pará e Amazonas**. Tomo II. Rio de Janeiro: Nova typographia de J. Paulo Hildebrandt, 1874.

CARVALHO, Vitória Mônica de Andrade. **O ensaio de uma identidade: o Rio Grande do Norte nas publicações e periódicos do século XIX (1877-1898)**. Monografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, 2008

CASCUDO, Luís da Câmara. Notícia sôbre Manoel Ferreira Nobre. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, v. 55, p.5-10, 1963

CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. **Métis: história & cultura**, v.2, p.73-94, 2003.

COSTA, Bruno Balbino Aires da. **A “casa da memória norte-rio-grandense”**: o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e a construção do lugar do Rio Grande do Norte na memória nacional (1902-1927). Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2017

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ENDERS, Armelle. “O Plutarco Brasileiro”. “A produção dos vultos nacionais no segundo reinado”. **Estudos Históricos**, v. 14,p.41-62, 2000.

_____. **Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

GOMES NETO, João Maurício. **Entre a ausência declarada e a presença reclamada: a identidade potiguar em questão**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, 2010

HARTOG, François. **Regimes de historicidade:** presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

JANCSÓ, István; PIMENTA, João Paulo G. Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In: MOTA, Carlos Guilherme (organizador). **Viagem incompleta. A experiência brasileira. Formação:** histórias. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2006.

LORIGA, Sabina. **O pequeno X:** da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LYRA, Augusto Tavares de. **História do Rio Grande do Norte.** Rio de Janeiro: Leuzinger, 1921.

MARIZ, Marlene da Silva. Balanço da historiografia norte-rio-grandense. In: Encontro Regional da Anpuh – RN, 2004. Natal. **Anais do I Encontro Regional da ANPUH-RN.** Natal/RN: EDUFRN, 2006

MELLO, Evaldo Cabral de. **A fronda dos mazombos:** nobres contra mascates, Pernambuco, 1666-1715. São Paulo: Ed.34, 2003.

NOBRE, Manoel Ferreira. **Breve notícia sobre a província do Rio Grande do Norte.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Pongetti, 1971

OLIVEIRA, Maria da Glória. **Escrever vidas, narrar a história:** a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

WHITE, Hayden. **Meta-história:** a imaginação histórica do século XIX. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

Recebido em Dezembro de 2017
Aprovado em Março de 2018